

Guerreira Zeferina

História da Comunidade

Guerreira Zeferina - História da Comunidade



PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Antônio Carlos Magalhães Neto – Prefeito

Luiz Antônio Vasconcellos Carreira – Chefe da Casa Civil

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF)

Bruno Reis – Secretário da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas (SEINFRA)

Ana Paula Matos – Secretária da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (SEMPRE)

AVSI BRASIL

Fabrizio Pellicelli – Diretor Presidente

Joanna Orrico – Assessora Estratégica

Marcele Andrade – Gerente de Projetos

Therezinha Larangeira – Técnica Social

FICHA TÉCNICA

REDAÇÃO

Marcele Andrade

Priscila Topázio

FOTOGRAFIA

Alex Souzan

Moradores da comunidade

Acervo AVSI Brasil

Samili Cintra

REVISÃO

Silvana Moreira

Índice

Introdução	6
Contexto	9
A ocupação: onde tudo começou	10
A vida na “Cidade de Plástico”	24
De “Cidade de Plástico” ao retorno da Guerreira Zeferina	46
A Comunidade Guerreira Zeferina	58
O projeto Guerreira Zeferina	67
Referências Bibliográficas	68
Abreviações e siglas	69
Dicionário da comunidade	70



*“A molecada com fome, procura comida no lixo e não acha;
Maria rezando pro santo, marido bebendo cachaça;
Maria rezando pro santo...”*

*“Cidade de plástico, é a CDP, favela da maré;
Cidade de plástico, descartável pra você, pra mim não é”*

*“Cada barraco é um sonho de ver a família mudar a morada;
o preço que paga da vida, a vida já não tem mais graça;
aí que Maria chorava, chorava”*

*“A molecada com fome se vai para a escola não aprende nada,
crescendo com raiva da vida, crescendo brincando com arma;
aí que Maria chorava; você que está aí do outro lado,
venha cá pra ver, venha cá pra ver...”*

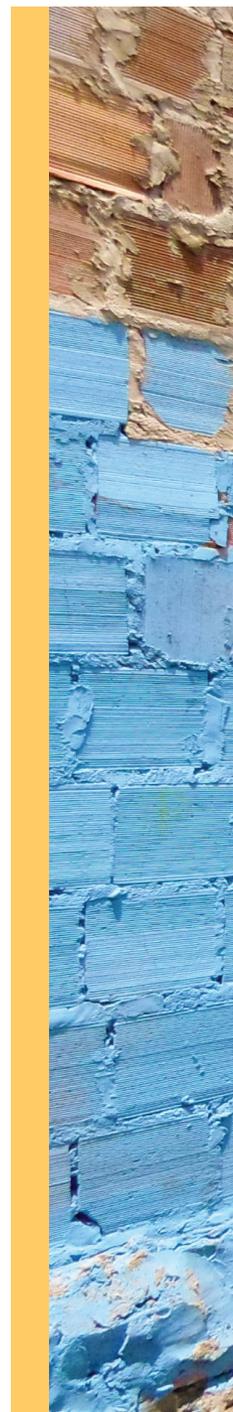
Letra: Alisson / Boca / Eugênio Brunelli
Música: O Terreiro

Introdução

Entender a Comunidade Guerreira Zeferina é fazer uma ponte entre o passado e o presente. É traçar um elo entre duas forças importantes no seu processo de construção e identidade: sua origem pela ocupação irregular à transformação com o apoio da Prefeitura Municipal de Salvador.

Sendo assim, esta publicação contará a história de como a comunidade Guerreira Zeferina foi criada, abordando o contexto geográfico e a situação socioeconômica da região através da fala dos próprios moradores e de pessoas-chave que fizeram parte dessa construção. Serão, assim, também revelados os sentimentos e o olhar da própria comunidade sobre as lembranças da época da Cidade de Plástico, do período de transição – de Cidade de Plástico ao Empreendimento Habitacional – e da mudança ocorrida na vida dos moradores após a intervenção pelo Programa de Requalificação da Comunidade Guerreira Zeferina.

Dessa forma, será feito um resgate histórico, contemplando os elementos que fizeram parte da comunidade, os que foram importantes para o seu desenvolvimento e os que constituem a Guerreira Zeferina do presente.







Dalton Paula (Brasília, Brasil [Brazil], 1982)

Zeferina, 2018

Óleo sobre tela [Oil on canvas], 61 x 45 cm

Acervo [Collection] Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Doação do artista, no contexto da exposição Histórias afro-atlânticas

[Gift of the artist, in the context of the Afro-Atlantic Histories exhibition], 2018.

MASP.10808

Foto [Photo] MASP

Contexto

Salvador é uma cidade com grande influência cultural afro-brasileira. Ela está historicamente ligada a movimentos de libertação e lutas por direitos sociais, apresentando contribuições importantes dos quilombos para o desenvolvimento das suas áreas periféricas. Desse modo, ao buscar tratar da história da comunidade Guerreira Zeferina, anteriormente conhecida como a “Cidade de Plástico”, lembrar desses aspectos é muito relevante a fim de resgatar os elementos constitutivos da raiz do processo de sua ocupação.

Os movimentos sociais e de libertação podem ser datados desde a época da colonização, ganhando corpo com a resistência à escravidão e a luta pela liberdade, evidenciados, por exemplo, na história de Zeferina.

Essa figura, de origem angolana, foi trazida ainda criança para o Brasil na metade do século XIX. Cresceu e se criou em Salvador, tornando-se a líder e fundadora do Quilombo do Urubu, na região do entorno do Parque São Bartolomeu, subúrbio ferroviário da cidade. Sua luta foi contra a escravidão, tendo participado como protagonista de movimentos em favor da liberdade e em busca da conquista dos direitos das comunidades da periferia de Salvador.

Mais recentemente, as reivindicações por melhores condições de vida são defendidas por movimentos sociais, que se inspiram na cultura e na luta da resistência negra, da mulher e das minorias, e entendem que a escassez de moradia urbana e a exclusão social são problemas históricos e estruturais.

Em 2006, o Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB) se propôs a fazer uma ocupação no bairro de Periperi, o qual possuía, à época, uma área desabitada e abandonada, levando à criação da comunidade Guerreira Zeferina, que mais tarde veio a ser objeto de um projeto de requalificação da Prefeitura de Salvador para a melhoria na qualidade de vida dos moradores.

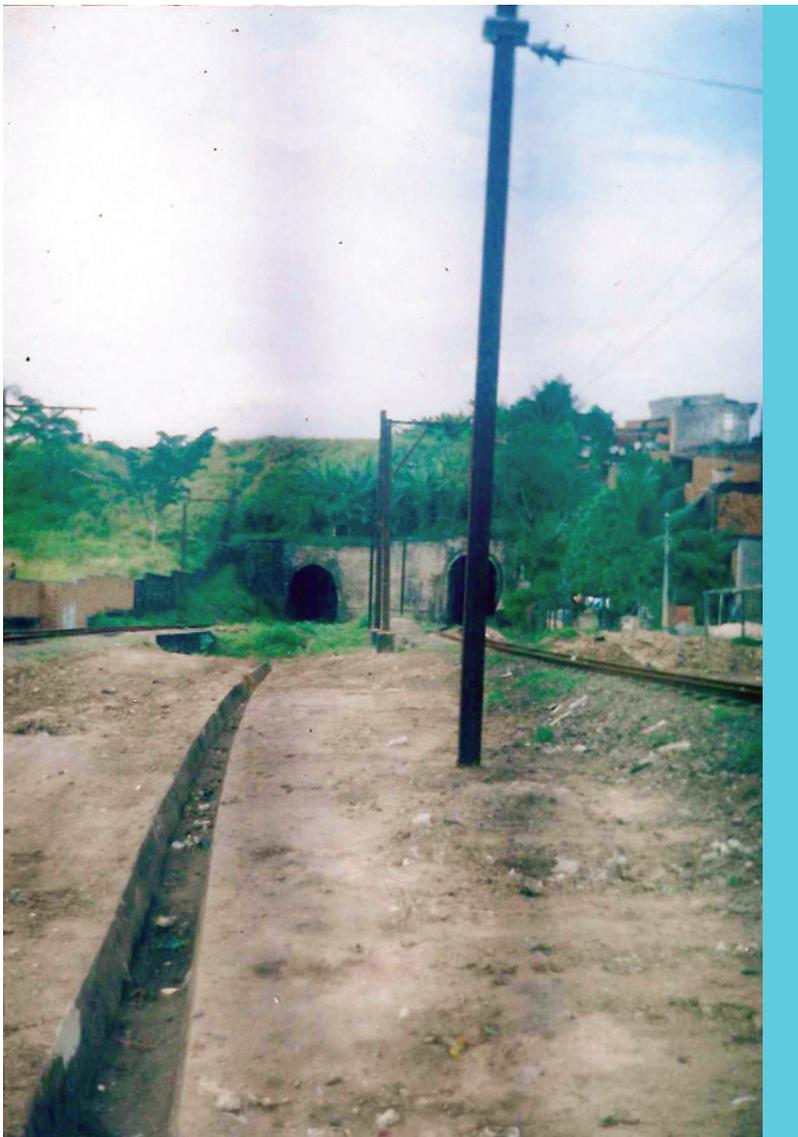
2006

***A ocupação:
onde tudo começou***



2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019





A ocupação - do que se chamou por muito tempo de "Cidade de Plástico" - teve início em agosto de 2006, no subúrbio ferroviário. O local era de referência para conserto e manutenção de trens de propriedade da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro (VFFLB), que já havia cedido o espaço para o abandono diante do sucateamento da malha ferroviária.

“

O pessoal cavava buraco de mais de 3 metros pra tirar ferro ali na antiga oficina.”

Ailton

“

Antes da ocupação, ali era uma oficina de trem, tinha um garimpo ali naquela região.”

Moisés

“

Não existia nada antes de a gente chegar, era um terreno baldio, onde rolava o tráfico, onde tinha descarte de uso de droga.”

Ana Vaneska

“

O terreno estava abandonado há mais de 20 anos.”

Pedro Cardoso

“

Era um terreno baldio e tinha muitos bichos rasteiros.”

Edinha

“

Era só mato, era só área de desova.”

Mapele



Assim, antes de iniciar a ocupação, o MSTB fez alguns estudos e percebeu o potencial daquela área para a criação de uma comunidade.

“

Começou com dois companheiros que olharam o terreno, acharam bem grande.”

Ajurimar

“

A gente chegou à conclusão de que era terra de Marinha (aquela que está no leito do mar) e que só a Polícia Federal poderia chegar lá.”

Pedro Cardoso



Tendo todas as informações necessárias, Pedro Cardoso (liderança), anunciou no núcleo de Fazenda Coutos que a ocupação aconteceria em 25 de agosto de 2006, porém sem explicar exatamente onde seria aos que fariam parte.

“

As pessoas lá não sabiam o local, eu marquei com o pessoal que todo mundo iria de ônibus, nos seus ônibus, chegava na frente da estação de trem e ali ficaria.”

Pedro Cardoso

Eles acreditavam que passaria um outro ônibus que os levariam para o terreno.

“

A gente nem sabia onde era e eu fui 6h da manhã e fiquei esperando.”

Jorgina

Assim, as pessoas foram chegando e esperando Pedro aparecer para receber as orientações.

“

Eu morava ali em Periperi mesmo. Tava todo mundo lá, às 6h da manhã, com facão, enxada na mão, assim, sabe?”

Pedro Cardoso



Pedro, então, conduziu todos àquela área abandonada próxima à linha do trem. No início, havia poucas pessoas. Mas, depois, foram chegando outras para conseguir um espaço na área da ocupação.

“

A gente chegou com 70 pessoas, era 6h20 da manhã. Quando deu meio-dia, já eram 300 pessoas, entendeu? Porque as pessoas iam passando no ônibus e viam a ocupação, as pessoas capinando no local e desciam, queriam um terreno.”

Pedro Cardoso

“

Era muita gente chegando, muita mesmo.”

Mapele

Depois do pessoal do movimento, as primeiras pessoas que vieram foram as moradoras do bairro de Periperi.

“

Quando deu 9h, a vizinha me chamou, dizendo que estava acontecendo a invasão do terreno em frente ao local que eu estava morando. Aí eu fui, peguei a enxada e cordão que me emprestaram e participei da ocupação.”

Edinha

“

*Eu vi o pessoal invadindo, fui trabalhar. Aí no outro dia, eu falei com minha mãe:
– Vou invadir lá!
– Vai invadir o quê, meu filho?
Respondeu minha mãe.
Aí, invadi!”*

Ailton

“

Eu morava de aluguel na Escola de Menor, passei e vi a invasão, uma moça que estava lá me incentivou, aí eu vim e invadi junto.”

Ana Paula

“

Soube da ocupação, a gente morava na Praça do Sol em Periperi mesmo, e resolvemos ir, eu morava de aluguel. Compramos um terreno, tinha só dois meses da ocupação. Construímos primeiro de madeira para mudar no outro dia, quando voltamos tinham roubado tudo. Aí compramos a lona. Como tinha muito barraco de lona, só tinha um de lona verde, era o único barraco de lona verde, era o nosso, chamava a atenção (risos). Passamos a morar com a cara e a coragem, não fomos por intermédio de ninguém, só viemos.”

Ninha



Apesar de não fazerem parte, aqueles que chegavam do entorno procurando um pedaço de terra foram bem recebidos, tendo havido uma relação harmônica durante a ocupação.

“

Então, aí foi chegando gente, o pessoal do movimento fez um feijão, um feijão duro, que demorou de cozinhar, e aí a gente comeu. Aqui era um ajudando o outro, emprestava a enxada, emprestava o cavador.”

Jorgina

“

A gente pegou logo amizade, foi uma alegria, era feijão no fogo de lenha.”

Linda

Todos se ajudavam para vencer as dificuldades.

“

A gente começou a se unir e as coisas começaram a melhorar.”

Edinha

“

O que a gente viveu no primeiro momento foi muito difícil. A gente construiu o galpão para as pessoas dormirem logo no primeiro dia. Naquele galpão, a gente cozinhou, a comida era coletiva, entendeu?”

Pedro Cardoso



“

Quando a gente chegou era unido, a gente fazia comida coletiva porque só tinha mesmo o barraco, não tinha fogão, essas coisas.”

Carolina

“

Colocava a panela de barro no fogo, um dava a carne, outro dava a calabresa.”

Miriam

“

Um comprava o feijão, outro comprava o arroz. Aí fazia um café comunitário, um almoço comunitário.”

Carolina

“

Eu fiquei responsável pela turma para fazer o feijão, para lustrar panela, essas coisas todas. Pra gente fazer um feijão ali na lenha pra as pessoas que estavam ali capinando, trabalhando.”

Ajurimar

Havia organização para as famílias que iam chegando: faziam uma reunião para explicar como era que funcionava a demarcação do terreno e sobre os materiais para construir os barracos.

“

As reuniões eram feitas com uma frequência grande, sobretudo no início da ocupação.”

Ana Vaneska

“

Aí a gente capinava com as famílias, demarcava o terreno para cada família e aí elas começavam a construir os barracos.”

Ajurimar



Ocupação Guerreira Zeferina? O nome Guerreira Zeferina aparece como referência à luta das mulheres na ocupação, que eram a maioria.

“

A gente chamou ela desse nome porque a Guerreira Zeferina foi uma mulher negra que lutava pelo direito social, direito à vida, à liberdade.”

Ajurimar

“

Pra gente que quer resgatar os 519 anos de resistência indígena, negra e das mulheres, o nome Guerreira Zeferina foi sugerido.”

Pedro Cardoso

“

Aquela ocupação foi realizada por mulheres.”

Pedro Cardoso

“

Tinha muito mais mulheres do que homens.”

Linda

“

A trajetória das mulheres dentro da comunidade Guerreira Zeferina foi muito linda.”

Ajurimar

“

Os homens vieram por causa das mulheres. A mulher está sempre militando na frente.”

Jorgina

“

Eu vim sozinha com os meus dois filhos mais velhos, eles eram pequenos ainda. Arranjei trabalho e fui construindo, melhorando. Quando construí, tinha até uma pessoa comigo, mas tudo foi eu que comprei, todo o material foi com meu dinheiro e ele entrou com a mão de obra.”

Ana Paula



A construção das casas começou com muito esforço e foi feita de forma improvisada, com o aproveitamento de materiais tais como madeirite, telhas, lonas, papelão e muito plástico.

“

No primeiro dia, eu não dormi. Fui comprar as estoncas e o plástico preto para fazer o barraco.”

Jorgina

“

Minha mãe foi na casa de material de construção, comprou as estoncas, o plástico. Aí a gente fechou o barraco e viemos morar aqui.”

Carolina

“

Qualquer pedaço de madeira que a gente encontrava na rua, era um sucesso para a gente... era uma prateleira, era um apoio de uma pia, era uma mesa, um encosto de uma cama, tudo servia para a gente.”

Rubem

“

Fiz de plástico, depois fiz de madeirite, depois fiz de bloco.”

Sr. Roque

“

Minha primeira casa foi um barraquinho de lona, bem pequeno, só dava uma pessoa. Depois fiz de madeira, mas era madeira usada, era o que achava pelo caminho.”

Ana Paula

Daí o nome “Cidade de Plástico” passa a ser a referência do local.



“

Sempre achei esse nome horrível, Cidade de Plástico.”

Ana Paula

“

Como a gente fez um acordo com Estado para não construir de alvenaria, todo mundo construía de plástico. Quando o pessoal passava de ônibus, parecia uma cidade de plástico.”

Pedro Cardoso

“

Quando eu vi como era, não queria vir, morar em casa de lona? Nem sei se aquilo era casa, mas tinha 14 anos, fui obrigada, tive que vir com minha mãe e meus irmãos.”

Camila

2008

A vida na “Cidade de Plástico”



2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019



Como o abastecimento de água vinha de longe, os moradores começaram a puxar ligações da rua.

“

A gente pegava água lá na Fazendinha.”

Sr. Roque

“

Carreguei muito balde de água aqui, era longe para pegar, colocava o balde na fila!”

Ana Paula

“

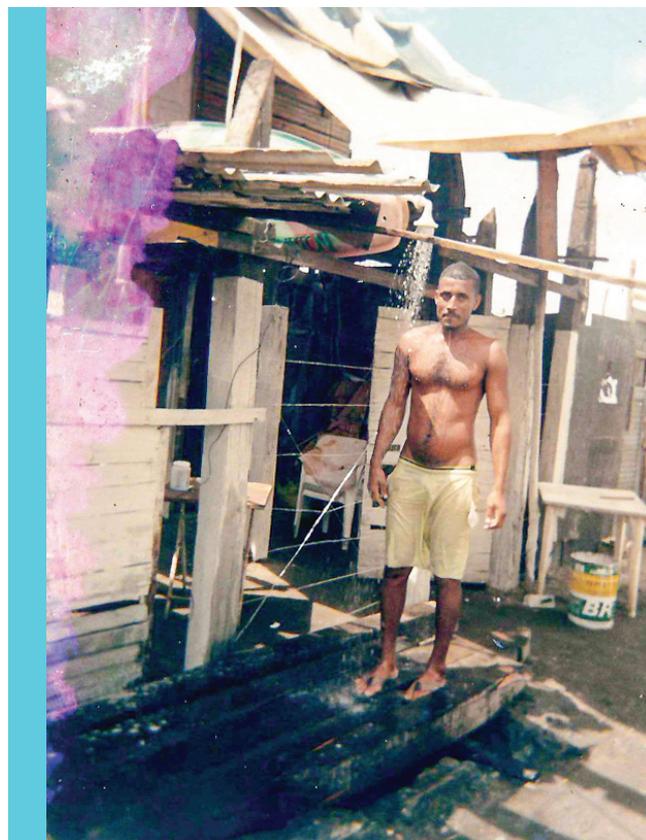
Era o sistema de gato, né, que a gente fazia.”

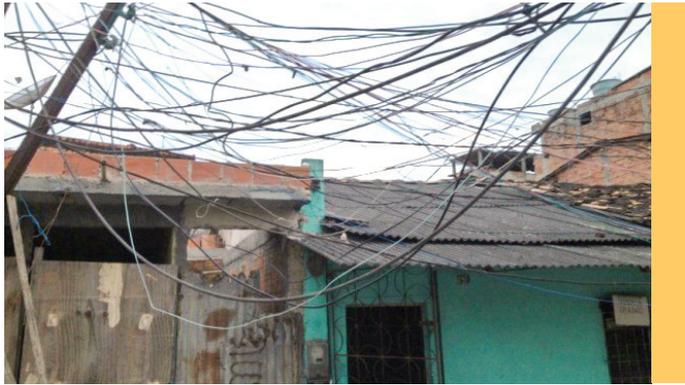
Moisés

“

A água, logo de primeira, a gente pegava lá na frente, onde é o portão. Ai o pessoal começou a comprar tubo, trouxe até mais ou menos aqui onde tem esse pilarzinho da linha de trem, onde era a frente da cooperativa.”

Aline





“

A gente ficou à luz de velas por um bom tempo para depois ver de que lado vinha a nossa energia.”

Aline

“

Depois nós conseguimos - todo mundo junto - comprar o cabo de 1000 pra puxar do poste e fazer a distribuição para as famílias.”

Ajurimar

No início, usavam luz de vela. Posteriormente, a energia passou a vir de forma irregular. Puxaram um emaranhado de fios de um poste da Avenida Suburbana (um “gato”), que se espalhavam pelos becos e que vinham de um fio maior que atravessava a linha do trem.

“

A luz que era ruim, a geladeira tinha dias que pegava, tinha dias que não pegava. Muita gente queimou televisão, queimava ventilador.”

Sr. Roque

“

Perdi uma televisão, perdi um liquidificador, perdi um som velho que tinha.”

Jorgina

O esgoto era improvisado.

“

*Eu cavei uma fossazinha,
enchi de pneu.”*

Sr. Roque

“

A fossa era um buraco.”

Rubem

“

*Não tinha o banheiro na época
porque não tinha nem como
fazer a canalização de esgoto.”*

Moisés



“

*Na necessidade, fazia era balão
e jogava.”*

Linda

“

*Às vezes, porque não tinha
banheiro, a criança de um
morador jogava o balão lá para
cima da casa do vizinho do
lado. Aí tinha sempre aquela
desavença entre os vizinhos.”*

Aline

“

*Chegava de manhã, era aquela
fedentina que a gente não
aguentava.”*

Rubem

Além de tudo isso, diversas situações dificultavam ainda mais a vida dos moradores da ocupação.

“

Quando chovia, aquelas goteiras em cima da cama. Para acordar de madrugada e para colocar o plástico, um pedaço de telha.”

Rubem



“

Eu passava a noite jogando água para fora do barraco e a lama descendo quando chovia.”

Ana Paula

“

Muita gente tinha que reformar na mesma hora, senão ia ter que dormir debaixo d'água.”

Mapele

“

E o vento? Quando levantava as telhas. Um socorro daqui um socorro dali.”

Rubem



“

No mês de agosto, botava papelão para esquentar mais os barracos.”

Edinha

“

Quando ventava aqui, era um Deus nos acuda... todos amarravam as suas casas, enchiam de pedra. Os telhados eram cheios de pedra para as telhas não voarem.”

Rubem

“

Lembro dos meninos pequenos com os pés todos sujos, tudo preto, tinha uma terra preta e em casa não tinha piso, era terra mesmo.”

Ana Paula

“

Nesse tempo de sol, o plástico rasgava, lascava, né, sempre lascava.”

Jorgina



Até que os incêndios aconteceram.

“

As memórias mais marcantes, infelizmente, não são alegres. São dos incêndios.”

Moisés

“

Às vezes as pessoas deixavam alguma coisa dentro de casa, vela, alguma coisa. Pegava fogo.”

Dilza

“

O incêndio mais forte que teve foi esse, da casa de Ailton.”

Dilza

“

Às vezes, tinha algum circuito dentro da casa que pegava fogo nos barracos. Tinha que todo mundo ficar jogando areia e água para poder apagar o fogo.”

Aline

“

O pior foi o meu, foi famoso.”

Ailton



“

Teve um incêndio perto da minha casa. O fogo já estava passando para minha casa e para casa do vizinho, de Osvaldino. A gente acordou com a fumaça dentro de casa, gritando, pegando água, jogando. Tudo isso de madrugada.”

Miriam

“

Lembro do incêndio no barraco da minha irmã, pegou fogo, teve que jogar água de cima do barraco para apagar.”

Camila

Assim, por conta das precárias condições da comunidade, de saneamento e de moradia, o preconceito foi surgindo.

“

Começaram as reclamações, as ligações para a Embasa, para a Coelba, para a polícia.”

Ajurimar

“

A discriminação lá fora era forte, mãe. Até minha irmã falava:

- Vou lá nada, cidade de plástico”

Ailton

“

Uma vez eu fui na UPA, para a emergência. A mulher perguntou:

*- Você mora onde?
- No sem teto, lá embaixo.
- Vixi, Maria.”*

Linda

“

Para as pessoas de fora, né, você já é uma parte ali excluída porque você é uma pessoa que mora num local criminalizado e carente.”

Moisés

“

Passamos muita humilhação aqui. As pessoas lá fora não enxergavam a gente com bons olhos, diziam que aqui só tinha vagabundo, ladrão, só tinha gente ruim, essas coisas assim. Olhavam torto quando a gente dizia que morava aqui dentro.”

Ninha

“

A gente tinha vergonha de dizer onde a gente morava.”

Miriam

Apesar da discriminação, a ocupação se preocupava em preservar a área do campo de futebol, que era utilizada pela comunidade do entorno para manter uma boa relação e evitar conflitos.

“

Como a gente ocupa o campo, se eles usavam? Se a gente ocupasse o campo, era uma forma de dizer que estávamos afrontando a comunidade. A gente chega no espaço para somar, entendeu? Precisamos fazer com que as pessoas nos conheçam.”

Rita

“

A única coisa que nós fizemos foi deixar aquela área de lazer, porque a comunidade externa já utilizava para dialogar com essa comunidade, nós ocupamos o entorno.”

Pedro Cardoso

“

O que amorteceu o impacto, foi o fato da juventude dali, do entorno, dizer:

- Não, os caras não prejudicaram a gente não, o campo tá lá.”

Pedro Cardoso



“

Durante todo tempo, a relação da comunidade sempre foi respeitosa com o baba que já acontecia no local.”

Ana Vaneska

O campo de futebol também era muito utilizado pelos moradores da ocupação e, às vezes, por não ter uma proteção, a bola sempre caía nos barracos mais próximos e quebrava parte das suas coberturas.

“

O baba acontecia no dia de domingo e sempre quebrava telha.”

Ailton

“

Quebrava muita telha. Aí o pessoal arrecadava R\$ 1,00 de cada pra poder consertar, era telha e janela, mais telha. Eram os barracos que ficavam mais próximos ao campo.”

Rubem

“

Quando a bola caía e quebrava a telha, dava para eu pegar a bola, mas aí tinha vezes que ela caía no meio. Aí o cachorro pegava a bola. E agora, pra pegar?”

Linda



Além da “baba”, os moradores se juntavam para comemorar datas festivas no campo também.

“

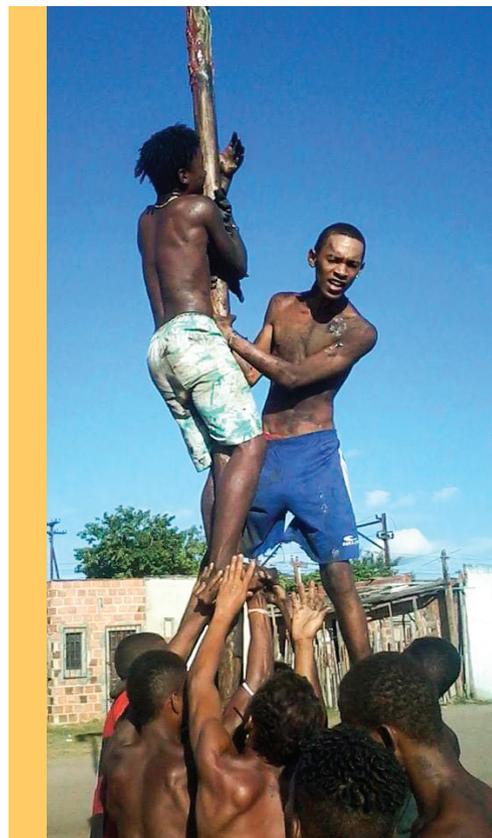
Faziam festas, eles faziam quadrilha. Se reuniam pra fazer a festa, aniversário da favela.”

Dilza

“

No São João ou na Páscoa, sempre tinha o pau-de-sebo, corrida de saco, corrida com ovo na colher. As crianças se divertiam muito nessa época.”

Aline



“

A gente organizava muita coisa, tinha desfile sobre a comunidade, era um desfile de moda com material reciclado para celebrar a Cidade Plástico, eram apresentações. Eu mesma me vesti de baiana, toda de plástico. Tinha o desfile da primavera, tudo a gente fazia.”

Ninha

E outras atividades também aconteciam.

“

O campo de futebol não foi só um espaço que a gente utilizou pra fazer atividade com as crianças, mas para trabalhar o aspecto cultural com a música, o Teatro do Oprimido.”

Pedro Cardoso



“

Aí era que fazia um palcozinho improvisado pra poder as crianças ficarem observando alguns teatros, capoeira...”

Aline

“

Eu era caseira, mas tinha meu lazer aqui. Num sábado, domingo, assava uma carne, tomava uma cervejinha, só a minha família mesmo. Ficávamos na beira do mar, na área do cais, escutava meu sonzinho.”

Ana Paula

Assim como o campo de futebol, a cooperativa foi um espaço muito importante dentro da “Cidade de Plástico”, sendo criada pelas Guerreiras Sem Teto dois anos após a chegada dos primeiros moradores. O espaço, que antes era usado para reuniões, foi reformado pela iniciativa de uma ONG Suíça para abrigar o projeto Comida Sem Fronteira.

“

Foi um processo. Primeiro, quando a gente ocupou, a gente deixou um espaço para a escolinha. Esse espaço era para a escolinha e para a cooperativa.”

Ana Vaneska

“

A ideia era um restaurante onde a comida era vendida. O prato da alimentação era R\$ 2,00 - 2,50. Era um espaço social, onde nós fazíamos debates sobre gênero, onde nós fazíamos os cursos.”

Ajurimar

“

A cooperativa foi criada para ter um espaço de ajudar as famílias na questão da alimentação, né, porque na época, o povo que decidiu morar ali dentro não tinha uma alimentação, não tinha um curso profissionalizante.”

Ajurimar



“

Era muito frequentado né, por causa do preço mínimo. As comidas eram muito boas e a gente fazia uns pratos daquele jeito mesmo que eles gostam.”

Edinha

“

Quem comprava era na maior parte as próprias pessoas de dentro da comunidade e algumas pessoas de fora, da feira.”

Rita

“

Eu bem novinha fiz curso de culinária baiana na cooperativa e lembro quando a cooperativa vendia comida.”

Camila

Porém, após um incidente envolvendo tentativa de homicídio na porta da cooperativa, o projeto Comida Sem Fronteira foi enfraquecido.

“

O pessoal ficou com medo de entrar na comunidade, a vendagem baixou e a gente ficou só fazendo reuniões.”

Pedro Cardoso



“

Tinha reunião sempre na cooperativa. Edinha mesmo fazia, vinha outro pessoal também. Eram os educadores também que frequentavam aqui de vez em quando.”

Rubem

“

Saiam de porta em porta, batendo, para avisar que teria a reunião na cooperativa.”

Dilza

“

A gente participava de alguns cursos. Tinha oficina para as crianças de pintura, literatura, dança.”

Carolina

As reuniões e celebrações eram frequentes no espaço da cooperativa.

“

Era aí onde nós fazíamos o aniversário da ocupação, onde nós fazíamos a festa das crianças, onde a gente discutia as questões do dia a dia da ocupação.”

Ajurimar

“

As atividades que aconteciam na cooperativa trouxeram uma motivação, uma vontade de crescer.”

Ninha

Nas reuniões, diversos assuntos eram discutidos, desde problemas entre os moradores até definições para tentar garantir a segurança dos moradores e uma boa convivência entre eles. Com isso, foram criadas as “brigadas”.



“

As brigadas eram assim, cada um cuidando de um aspecto da ocupação: da segurança, dos cadastros, procurar saber quem são as crianças que estão indo para a escola. Tudo isso a gente procurava sempre estar monitorando.”

Ajurimar

“

Cada grupo de família formava uma brigada. Então, uma semana a brigada 1 tomava conta da ocupação. Na outra semana, a brigada 2. O tempo todo tinha gente vigiando, porque era um lugar aberto.”

Pedro Cardoso

A morada na “Cidade de Plástico” significava muitas dificuldades. Além da questão do saneamento, água e energia, o comércio era um grande desafio.

“

Tinha que andar bastante pra comprar fora.”

Dilza

A dificuldade de comprar produtos, por exemplo, levou à criação de pequenos comércios. O primeiro, foi o de Sr. Roque, depois veio Tânia, Clarisse, Dudu, Américo, Ailton (Veiaco), Janice, Dilza, entre outros.

“

O primeiro comércio foi o de Sr. Roque, que ele começou a vender as bebidinhas, depois passou pra umas coisas de casa.”

Aline

“

Eu ia pra Feira de São Joaquim e comprava um bocado de carne, fazia aqueles moios de carne de sertão e vendia a R\$1,00. Vendia tudo, farinha, açúcar.”

Sr. Roque

“

Cozinhava uma placa de ovo e vendia tudo cozido para o pessoal que não tinha fogão.”

Sr. Roque



“

Dilza tinha uma mercearia e ficava até mais tarde, até meia noite Dilza tava aberto. Vendia de tudo.”

Jorgina



“

Muitos meninos vinham comprar na minha mão.”

Dilza

“

Comprar aqui era um pouquinho salgado, mas a gente entedia, tinha que trazer tudo de fora para aqui.”

Ninha

“

Tinha o bar de Dudu, que na época era o point porque tinha um negócio de sinuca. Às vezes no final da tarde a gente ia pra esse bar pra ficar passando um tempo.”

Aline



Apesar de todas as dificuldades, os moradores apreciavam alguns aspectos da moradia na época da “Cidade de Plástico”.

“

Antes, bem no início, o pessoal era mais unido, gostava da união de todos aqui.”

Ninha

“

Eu tinha minha área do fundo pra plantar, sinto falta!”

Dilza

“

A gente podia ouvir som, ficar no campo com as crianças.”

Linda

“

Naquele tempo a gente tinha mais espaço. Meu quintal mesmo era espaçoso.”

Jorgina

“

Marcou para mim o “buracão”: eram dois buracos no cais. Quando a maré enchia, a gente tomava banho, era nossa diversão.”

Camila

“

No cais, tinha o buraco. Eu sentava no cais e ficava olhando os meninos brincar no buracão, a gente chamava assim. Era onde todo mundo passava para ir tomar banho de mar.”

Ana Paula



Apesar da união entre os moradores, que realizavam atividades na cooperativa, promoviam bons momentos no campo, etc., as lideranças sempre tratavam de dialogar com o poder público com intuito de trazer melhorias à comunidade.

“

Nós defendíamos que houvesse a construção do conjunto habitacional, inclusive porque tinha muita gente especulando ali dentro.”

Ana Vaneska

“

A todo momento, nós tínhamos diálogo com o Governo.”

Ana Vaneska





2012

De “Cidade de Plástico” ao retorno da Guerreira Zeferina



2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019



A Prefeitura chegou à comunidade.

“

Zé Bambá que trouxe ACM Neto aqui em 2012.”

Ailton

“

Zé Bambá sempre andava na prefeitura e sempre comentando da Cidade de Plástico. Foi aí que ele conseguiu trazer o Prefeito até a comunidade.”

Edinha

“

Foi o prefeito que determinou entrarmos na área, fazia parte do seu Programa de Governo, mudar a realidade local.”

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira

“

Ele (o prefeito) viu a necessidade da gente e voltou.”

Jorgina

“

A escolha da área deveu-se ao fato do Prefeito ACM Neto ter ficado muito sensibilizado com as condições de vida daquela comunidade quando de uma visita.”

Paulo Hermida – Diretor de Projetos Estratégicos da Casa Civil

As primeiras impressões da Prefeitura Municipal de Salvador:



Em 2014 quando a prefeitura iniciou as ações na área, a situação era de precariedade urbanística. Não havia qualquer rede de infraestrutura (esgoto, drenagem, água, energia elétrica) as ruas não tinham pavimentação. A única área de lazer era o campo de futebol que contava apenas com as traves. O padrão das habitações era precário, havendo muitas casas ainda de material de refugio e barracos de madeira. A maioria das casas de alvenaria não tinha reboco.”

Mariana Dias – Arquiteta da Fundação Mário Leal Ferreira



A minha primeira impressão foi de horror ao ver que seres humanos viviam naquela condição. O mais marcante foi a precariedade e as carências de infraestrutura e serviços ali existentes.”

Paulo Hermida – Diretor de Projetos Estratégicos da Casa Civil



O que mais me marcou foram os depoimentos dos moradores. São nestes depoimentos que você reconhece o estrago que as condições de precariedade e de miserabilidade podem causar nas pessoas em termos sociais e emocionais. Destrói a expectativa de vida, de construção de futuro, destrói relações, laços familiares, destrói esperanças.”

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira



A minha primeira impressão foi de estarrecimento ao ver pessoas morando em condições tão precárias em uma área da cidade formal. O mais marcante foi a quantidade de crianças vivendo nessas condições.”

Adriana Cardoso – Assistente Social da Casa Civil

E os desafios foram surgindo.



A grande dificuldade foi construir essa relação de confiança com os moradores. Trabalhar com a comunidade, estabelecer relação de confiança é um processo e para dar certo só precisa ter a coragem de trazer os conflitos, estabelecer pactos e ser honesto com o que fala.”

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira



Um dos maiores desafios era a descrença da comunidade de que a ação da prefeitura traria benefícios. Por isso houve muita resistência inicial dos moradores em participar do projeto.”

Mariana Dias – Arquiteta da Fundação Mário Leal Ferreira



O principal desafio foi a desconfiância da comunidade em relação as intenções da Prefeitura e foi superado com um diálogo constante e muito tenso.”

Paulo Hermida – Diretor de Projetos Estratégicos da Casa Civil



Tivemos alguns desafios e um deles foi o descrédito dos moradores com o poder público em transformar a então Cidade de Plástico em um lugar digno de moradia. Superamos as desconfiâncias através de reuniões participativas, onde discutíamos sobre as possibilidades e elaboramos conjuntamente o projeto de requalificação da comunidade.”

Adriana Cardoso – Assistente Social da Casa Civil

“

Em um primeiro momento eles só queriam uma urbanização básica, sem retirar as casas do local. Aos poucos fomos demonstrando que as casas eram muito pequenas e em alguns casos não havia sequer acesso direto e, em outros não havia como passar com a infraestrutura. Decidimos então levar uma maquete para que eles pudessem entender o espaço e montar o projeto. Foi bem interessante! Decidiram que as 35 casas de alvenaria ficariam e os demais iriam para os apartamentos. Logo depois eles decidiram que todos teriam que sair e montaram o projeto.”

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira

“

Construir conjuntamente o entendimento de que só era possível implantar habitações para todos os moradores verticalizando as unidades também era um dificultador.”

Mariana Dias – Arquiteta da Fundação Mário Leal Ferreira



“

No início foi difícil porque os moradores falavam muito de que tinham medo de sair e não voltar, ou seja, de que a área fosse utilizada pela prefeitura para outro tipo de empreendimento ou voltado para outra faixa de renda.”

Mariana Dias – Arquiteta da Fundação Mário Leal Ferreira

“

A equipe da AVSI Brasil entrou como coadjuvante no processo, aos poucos fomos encontrando as estratégias e tudo começou com um olhar mais próximo de cada pessoa, buscando as necessidades e anseios, de forma que toda a atuação pudesse contribuir com alguma transformação.”

Therezinha Laranjeira – Técnica Social da AVSI Brasil

Assim, com a chegada do projeto da Prefeitura, melhorias começaram a acontecer.

“

O projeto já chegou ajudando antes mesmo da saída dos moradores [para a requalificação]. Era uma coisa que era abandonada e se tornou vista, então isso já melhorou muito.”

Moisés

“

Uma das principais deficiências é a qualificação e o estudo. O projeto já chegou melhorando isso, oferecendo qualificação profissional. Então, antes mesmo da saída da gente de lá, o pessoal já tinha qualificação.”

Moisés

“

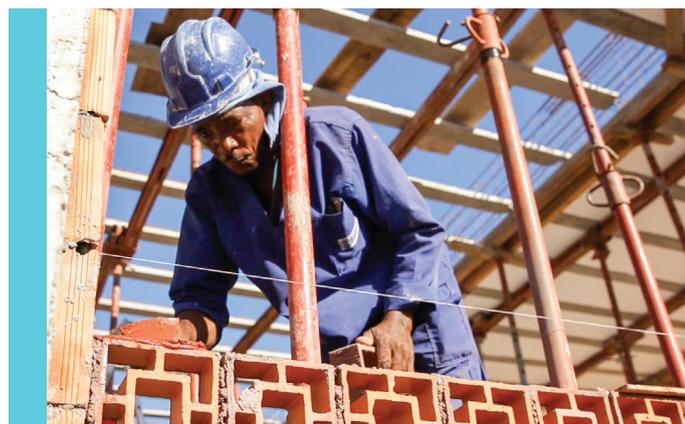
Quando teve a obra, um colega meu lá fez o curso de pedreiro, trabalhou na obra.”

Moisés

“

O meu marido fez o curso de pedreiro com o projeto, ele já era profissional, mas não tinha o diploma, as vezes o patrão pediu a comprovação. E trabalhou na obra, ajudou a construir o nosso apartamento.”

Ninha



E os moradores passaram por um período de transição, no qual tiveram que sair de seus lares para que a obra de requalificação acontecesse. Para alguns moradores, a saída gerou inseguranças.

“

Muita gente nem queria sair, mas é a maioria que vence.”

Mapele

“

Pra mim, teve um pouco do baque porque eu já tinha construído, já tinha batido laje, já tinha uma casa de bloco, já tinha piso dentro da minha casa, já toda organizada, entendeu? E tinha a parte do meu comércio também.”

Dilza

“

Eu ainda fiquei desacreditada, né, não acreditei mesmo que ia fazer não.”

Miriam



“

Tinha a insegurança de não saber se dali para frente ia ter uma casa real, de alvenaria.”

Ajurimar

“

As pessoas não se sentiam seguras e tinham medo de sair por várias histórias que foram comentadas de que ia ser uma marina, que as pessoas não iam retornar.”

Edinha

“

Tinha a expectativa de voltar, e o medo também de não voltar.”

Carolina

“

Meu medo era não voltar mais, ficar desamparada. A gente não tinha para onde ir.”

Ninha

“

Os vizinhos ficavam se comunicando: olha bateu uma laje, já estão subindo mais um andar, a creche já está pronta, já colocou um piso. Isso tudo ajudou a me acalmar.”

Ninha

“

Ficava um pouco desconfiada se a gente iria voltar mesmo, se iriam colocar a vizinhança, cada um em um local. Mas como meu marido trabalhava na obra, sabia de tudo que acontecia, conversava com os chefões deles, aí me dava mais segurança.”

Ninha



“

Foi um período difícil, a gente ficava um pouco assim, com medo de não voltar, de colocarem a gente em qualquer local. Só fiquei confiante quando comecei a ver os prédios levantarem e as reuniões acontecendo. Tinha reunião tanto no Araketu como no escritório. Sentia firmeza nas pessoas que estavam lá, que conversavam com a gente.”

Camila

“

Muitos disseram: se vai demolir, você não volta mais. Tive medo, fiquei nervosa, “curtiram” com a minha cara.”

Ana Paula

Para outros moradores, havia a certeza de que a mudança seria significativa e para melhor.

“

Eu sempre acreditei.”

Silvanice

“

Eu sempre acreditei que aqui ia ser alguma coisa.”

Rubem



“

Eu tinha certeza que eu ia voltar, né, mas aquela maior dificuldade foi a perda mesmo.”

Aline

“

Então, o processo foi árduo, mas a gente sempre acreditou.”

Pedro Cardoso



E uma grande transformação aconteceu.

“

Quando foi entregue a primeira etapa, foi uma alegria pra eles, pras famílias.”

Edinha

“

O projeto não só mudou a comunidade, como mudou a cara do bairro.”

Moisés

“

Hoje, está ótimo. Eu estou no paraíso.”

Silvanice

“

O que o projeto trouxe de mais importante foi o respeito próprio dos moradores”.

Paulo Hermida – Diretor de Projetos Estratégicos da Casa Civil

“

O mais importante é o sentimento de cidadania e de pertencimento a um bairro/cidade.”

Mariana Dias – Arquiteta da Fundação Mário Leal Ferreira

“

A transformação social a partir da mudança das condições de moradia: esse é o princípio da moradia digna.”

Tânia Scofield – Presidente da Fundação Mário Leal Ferreira



2019

A Comunidade Guerreira Zeferina



2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019



Os moradores da antiga “Cidade de Plástico” agora vivem no Conjunto Habitacional Guerreira Zeferina. Os lares que antes eram de plástico e madeirite, agora possuem estrutura sólida e oferecem maior segurança e dignidade a todos.

“

Quando se trata de garantia de um direito tão importante, que dá condição de proteção até do corpo físico, que é a casa. O sonho da casa própria. A gente vê como um ganho.”

Ana Vaneska

“

Hoje a gente tem higiene. Chega uma pessoa, a gente tem um banheiro.”

Jorgina

“

Hoje em dia, muitos que discriminavam a gente, queriam está aqui hoje.”

Miriam

“

Isso aqui é uma conquista da comunidade. Imagine o que é sair de uma casa, de lona, depois de madeira e depois de bloco, uma casinha mesmo, e agora ter isso aqui.”

Ninha

“

Depois do projeto pronto, senti a emoção ao ver as pessoas felizes por terem um local digno de moradia e orgulho por ter feito parte da equipe de trabalho.”

Adriana Cardoso – Assistente Social da Casa Civil



“

Hoje a gente vive dignamente graças à Prefeitura.”

Edinha

“

Sinto uma grande alegria por ter ajudado a transformar aquela realidade. Missão cumprida! Independentemente do que venha acontecer, é uma enorme satisfação.”

Paulo Hermida – Diretor de Projetos Estratégicos da Casa Civil

“

Só em pensar que a gente pode dormir, mesmo com a chuva, pode ficar despreocupada, sem ter medo da casa cair, água no chuveiro. Isso dá a maior alegria.”

Camila

“

Hoje eu saio na rua e as pessoas ficam perguntando se tem apartamento para alugar ou vender. O rapaz do depósito virou para mim e disse: menina, que coisa linda é onde você mora.”

Ana Paula

Além da moradia, as famílias contam com a creche local, construída ao lado das habitações do empreendimento Guerreira Zeferina.

“

A creche foi um upgrade que a prefeitura fez, que o projeto fez.”

Moisés

“

A creche ajudou a melhorar porque as crianças menores ficavam, assim, à toa, andando por aí. As mães não tinham como colocar na escola porque eram menores.”

Carolina



“

Mães e pais queriam um lugar para deixar as crianças para poder trabalhar, e não tinha como. Deixavam na mão de um, na mão de outro. Hoje não: com essa creche aqui, as crianças estão felizes, todos andam limpo.”

Rubem

“

A creche foi fundamental porque tirou aquelas crianças de 1 a 5 anos que estavam ali na rua, paradas, sem nada, dentro de casa. Ficavam ali na rua sem fazer nada. Saíram da rua pra creche, pra educar, orientar, pra oferecer até alimentação.”

Moisés

Agora os moradores podem aproveitar melhor a vista para a Baía de Todos os Santos.

“

Influenciou no lazer. Em um domingo de sol, você vai ver diversas pessoas no cais, tomando um banho de praia.”

Moisés

“

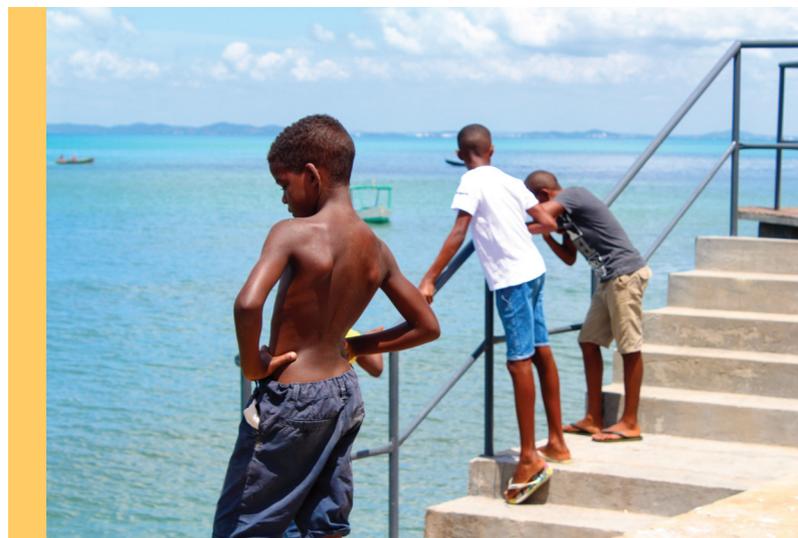
Hoje em dia tem um píer aqui pra tomar banho.”

Miriam

“

Hoje temos uma orla, só para a gente, linda, um paraíso! Fico da minha janela olhando o mar, daqui vejo o futebol, me divirto aqui mesmo, não preciso nem ir para a rua.”

Ana Paula



Apesar das melhorias, a mudança trouxe alguns desafios às pessoas, que não estavam acostumadas a morar em apartamento.

“

Morar em condomínio não é a mesma coisa de morar na Cidade de Plástico.”

Mapele

“

Mudar de casa pra apartamento é bem diferente.”

Dilza

“

Tem umas coisinhas, né, com problemas, uma coisa suja ali, um som mais alto do outro lado, um barulho maior, mas é coisa de apartamento.”

Ana Paula

“

Agora temos contas a pagar. Será um desafio, mas é também a nossa dignidade.”

Aline

“

Como ficamos uns dois anos separados dos vizinhos, quando a gente voltou ficou aquele “climão” (risos). Mas com o tempo a gente recupera a relação de antes.”

Ninha



Mas a expectativa e esperança dos moradores vai muito além.



Espero que todos conservem os apartamentos e tenham união, é o que falta aqui. Aquele pessoal que não chegou no começo, que chegou agora, não dá o verdadeiro valor, não sabe o que nós passamos aqui dentro. Se fosse todo mundo antigo, seria diferente.”

Camila



Só quero que a comunidade conserve o que ganhamos, se a gente mora bem, depois corre atrás do resto.”

Ana Paula



Tomara que dê tudo certo para nossa Guerreira Zeferina aqui.”

Mapele



Gostaria muito que permanecesse tudo como está agora, tudo bem cuidado, a grama verdinha, os prédios limpos, o cais sem ter nada quebrado, eu espero isso, o resto a gente vai construindo com o tempo, espero que agora todos tenham a consciência que estamos num lugar melhor, não é mais a favela “Cidade de Plástico.”

Ninha



Que venha tudo de melhor, que a gente possa se desenvolver aqui dentro.”

Carolina



Que a gente possa construir um espaço social de verdade.”

Ajurimar



O projeto *Guerreira Zeferina*

O projeto de Requalificação da Área Guerreira Zeferina foi idealizado pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) em conjunto com o Comitê de Representantes dos Moradores (CRM) através de diversas reuniões, nas quais foram apresentadas as propostas para intervenção até a validação do projeto final. Além disso, contou com o Grupo de Gestão do Projeto (Casa Civil, Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza – SEMPRE e AVSI Brasil¹), restando as obras sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas (SEINFRA).

Visando atender às necessidades dos moradores e reduzir a vulnerabilidade social da área, o projeto foi além dos desafios comuns às intervenções dessa natureza, também buscando preparar os moradores para uma nova realidade urbanística e habitacional.

Dessa forma, o **objetivo geral** do projeto foi contribuir para a melhoria das condições de vida da população da Comunidade Guerreira Zeferina por meio de ações sociais promovidas pela parceria entre a Prefeitura Municipal de Salvador e a AVSI Brasil, vinculadas a 4 eixos norteadores:

- **Guerreira Atenta: acompanhamento e gestão social da intervenção;**
- **Guerreira Forte: mobilização, organização e fortalecimento social;**
- **Guerreira Sustentável: educação ambiental e patrimonial;**
- **Guerreira Próspera: desenvolvimento socioeconômico.**

¹ A Associação Voluntários para o Serviço Internacional – Brasil (AVSI Brasil) é uma organização sem fins lucrativos qualificada como Organização Social de Interesse Público (OSCIP), criada a partir da experiência da ONG italiana Fundação AVSI, engajada em projetos de cooperação para o desenvolvimento com histórico em intervenções envolvendo desenvolvimento urbano e habitacional. Visando a promoção da dignidade da pessoa humana, a AVSI Brasil planeja e desenvolve projetos sociais, oferecendo, dentre outros, assistência técnica ao poder público e apoiando a implementação de políticas públicas.

Referências Bibliográficas

BOCA; ALISSON; EUGÊNIO. **O terreiro**. Salvador. Disponível em: <<https://soundcloud.com/oterreiro/cdp-o-terreiro>>. Acesso em 22 abr. 2019.

BORGES, Thais. **Prefeitura vai reconstruir mais de 240 casas na Cidade de Plástico**. Correio. Salvador. 25 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-vai-reconstruir-mais-de-240-casas-na-cidade-de-plastico/>> Acesso em: 23 abr. 2019.

COSTA, Clarisse da. **Zeferina**. Cultura & Arte. Afrabrasil. 01 set. 2017. Disponível em: <<https://ko-kr.facebook.com/negrosnaluta/photos/zeferina-a-hist%C3%B3ria-de-zeferina-%C3%A9-de-luta-uma-l%C3%ADder-do-quilombo-de-urubu-na-bahi/812453752253960/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

MSTB. **A luta pela cidade e a construção das comunidades do bem viver**. Cartilha produzida pelo movimento em 2016

PTS. **Projeto de Trabalho Social da Comunidade Guerreira Zeferina**: minuta. Salvador: 26 abr. 2016

SANTOS, Barbara et al. **Diagnóstico Social**. 181p. 2014-2015.

SANTOS, Elisabete et al. **Atlas sobre o direito de morar em Salvador**. Salvador: EDUFBA. 196 p. 2012.

SECOM. **Comunidade conhecida como Cidade de Plástico será totalmente urbanizada**. 09 jun. 2016. Disponível em: <<http://comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias/48234-comunidade-conhecida-como-cidade-de-plastico-sera-totalmente-urbanizada>>. Acesso em: 15 abr. 2019

Abreviações e siglas

AVSI Brasil – Associação Voluntários para o Serviço Internacional – Brasil

CRM – Comitê de Representantes dos Moradores

SEINFRA – Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas

SEMPRE – Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza

FMLF – Fundação Mário Leal Ferreira

MSTB – Movimento Sem Teto da Bahia

Dicionário da comunidade

- **Baba** – partida de futebol.
- **Balão** – saco usado para fazer as necessidades fisiológicas que, após ser amarrado, é lançado para longe.
- **Brigadas** – termo usado para agrupamentos responsáveis por assuntos específicos (segurança, limpeza, cadastro, etc.) dentro da comunidade com o intuito de orientar os moradores para uma melhor convivência.
- **Desova** – local onde são deixados corpos executados.
- **Estroncas** – peças utilizadas para escoramento das estruturas dos barracos. Normalmente, elas são de uso temporário em uma obra, mas no caso da ocupação, elas eram de uso definitivo.
- **Fazendinha** – local próximo à ocupação.
- **Gato** – ligação clandestina, podendo ser de água, de energia, de esgoto, etc.
- **Moios** – termo que designa medida.

Execução



Financiamento



Este documento foi elaborado pela AVSI Brasil com a participação financeira da Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (SEMPRE).

"Cidade de Plástico" (2012)



Comunidade Guerreira Zeferina (2019)

